

YOUTUBERS LITERÁRIOS: REFLEXOS DO ENSINO DE LITERATURA NAS PRÁTICAS LETRADAS DE DIVULGAÇÃO, RESUMO E ANÁLISE DE OBRAS NACIONAIS

LITERARY YOUTUBERS: REFLECTIONS OF LITERATURE TEACHING ON THE LITERACY PRACTICES OF DIVULGATION, SUMMARY AND ANALYSIS OF NATIONAL WORKS

Douglas Vinicius Souza Silva¹
Cynthia Agra de Brito Neves²

Resumo: *O YouTube é uma plataforma de compartilhamento de informações por meio de vídeos que atraem os jovens na atualidade. Dentre seus diversos canais, há aqueles que se pretendem educativos, por exemplo, vídeos de youtubers que explicam, resumem e analisam obras literárias cobradas em vestibulares, ou ainda, que dão aulas de literatura especialmente voltadas para o Exame Nacional do Ensino Médio. Esses youtubers, ou, mais especificamente, booktubers – como são denominados os que gravam vídeos sobre livros e literatura –, têm atraído milhares de seguidores estudantes do ensino básico no Brasil, ratificando o conteúdo das aulas de literatura, tanto no quesito estrutural quanto ideológico. Assim, este artigo visa analisar o conteúdo dos vídeos em contraste com o conteúdo do ensino formal – definido pelos documentos oficiais e apresentado por Rezende (2013) e Cosson (2011) –, para compreender, nessas práticas digitais, como aparecem os nacionalismos enraizados nas teorias brasileiras do século XX que fundamentam o ensino de literatura. Para compor o corpus de pesquisa deste artigo, foram analisados quatro vídeos, sendo dois deles sobre a obra *Iracema*, de José de Alencar, e dois sobre a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, inseridas nas escolas literárias do Romantismo e do Modernismo, respectivamente. De modo geral, como prática de letramento literário, os vídeos têm contribuído para corroborar a ideologia dominante no ensino de literatura: o nacionalismo. Além disso, os booktubers restringem suas análises a apenas uma possibilidade interpretativa dos textos, o que pode limitar a possibilidade que a literatura tem de permitir incontáveis leituras e identificações.*

Palavras-chave: *Ensino de literatura; Nacionalismo; Youtubers.*

Abstract: *YouTube is a platform for sharing information through videos which appeal to young people nowadays. Among its various channels, there are those which claim to be educational, for example, videos of youtubers who explain, summarize and analyze literary works required for college entrance exams, or who offer literature classes specially targeted at the National High School Examination (ENEM). Those youtubers, or more specifically, booktubers – as those who record videos on books and literature are called – have attracted thousands of followers who are elementary school students in Brazil, ratifying the content of literature classes, both in the structural and ideological aspects. Therefore, this article aims to analyze the videos contents against formal education content – as defined by the official documents presented by Rezende (2013) and Cosson (2011) –, in order to understand how nationalisms rooted in twentieth-century Brazilian theories, which underlie the teaching of literature, appear in those digital practices. To compose the research corpus of this article, four videos were analyzed, two of them being about *Iracema*, by José de Alencar, and the other two about *Macunaíma*, by Mário de Andrade, inserted in the literary schools of Romanticism and Modernism, respectively. In general, as a practice of literary literacy, the videos have been contributing to corroborate the dominant ideology in literature teaching: nationalism. In addition, booktubers restrict their analysis to only one interpretive possibility of texts, which may limit the literature ability to allow countless readings and identifications.*

Keywords: *Teaching of literature; Nationalism; Youtubers.*

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (UEMG). Campinas, Brasil, ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-4834-6356>>. E-mail: dodo.vinicius.ds@gmail.com

² Docente do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas. Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Campinas, Brasil, ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5592-4409>>. E-mail: cynthiaagraneves@gmail.com

1 Introdução

O professor de literatura do ensino médio no Brasil tem a função de ensinar literaturas de língua portuguesa, com foco maior na brasileira, como demonstram e, praticamente, aconselham os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que estabelecem a “identidade nacional” (PCNEM+, 2000, p. 74) como unidade temática no desenvolvimento das competências da área de Linguagens. A esse respeito, Rezende (2013, p. 101) mostra que

A história da literatura centrada no nacionalismo literário ainda é de longe a perspectiva dominante no ensino de literatura, desdobrando-se em sequência temporal numa lista de autores e obras do cânone português e brasileiro e suas respectivas características formais e ideológicas.

O recorte do ensino centrado no elemento nacional é legitimado pelas listas de leituras obrigatórias dos vestibulares, que cobram literatura em língua portuguesa de forma bastante limitada, considerando apenas obras de Brasil e Portugal, o que exclui países africanos falantes de português – com algumas exceções recentes, como a presença do livro *Mayombe*, do angolano Pepetela, e do livro *Terra Sonâmbula*, do moçambicano Mia Couto, respectivamente nas listas da Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST), da Universidade de São Paulo e da Comissão Permanente dos Vestibulares (COMVEST), da Universidade Estadual de Campinas. Tal fato implica afirmar que, do ponto de vista da formação de identidades atrelada à formação escolar, as aulas de literatura exploram duas formas de identificação: a brasilidade – identificação com a literatura nacional – e a lusofonia – identificação com a literatura de países falantes de português. Para cumprir esse objetivo, o professor tem como base, além de sua formação e os livros didáticos, os manuais de literatura, as histórias literárias e as teorias nacionalmente conhecidas. Assim, ainda que de forma indireta, o ensino de literatura está submetido à visão teórica e ideológica dos autores desses materiais que, do ponto de vista da identificação nacional, não divergem muito entre si.

Para além dessas práticas de ensino formal, tal como as descritas acima – pautadas nos livros didáticos, nos manuais de literatura, nas histórias e teorias literárias –, em tempos de *internet*, é possível contar com outras estratégias não formais para se ensinar e aprender literatura. O YouTube, por exemplo, é uma plataforma que tem sido bastante usada para isso. Enquanto mídia situada na *web*, o YouTube é assim definido por Silva (2017, p. 71):

Ao se constituir como um importante espaço de produção e veiculação de uma série de conteúdos, os usuários utilizam o referido serviço com diversos

propósitos: estudar, ver filmes e séries, escutar música, comunicar-se, acompanhar vídeos diários postados por outros usuários, dentre outros objetivos.

Nele, há canais que se dedicam especificamente a produzir conteúdo educativo e preparatório para os vestibulares e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o que permite configurar a plataforma como ensino informal. Dentre esses canais, há aqueles voltados para a literatura, que se configuram como uma importante prática de letramento (STREET, 2014, p. 18) e de letramento literário (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67) que não podem ser ignorados, já que têm feito parte da formação literária e metaliterária – abarcando a leitura e o conhecimento crítico e teórico – dos jovens. Os produtores desses vídeos são comumente denominados como *booktubers*, uma vez que produzem vídeos sobre literatura e livros, teorias da literatura e, até mesmo, mercado editorial. Para Silva (2017, p. 74-75): “entende-se por *booktuber* sujeitos que postam vídeos falando sobre leitura, escrita e, especialmente, fala-se sobre livros lidos, de maneira a incentivar a prática da leitura entre os que acompanham o canal”. Como será explorado neste artigo, grande parte desses vídeos reproduz o conteúdo das aulas, tanto no quesito estrutural quanto no ideológico, ainda que tenham liberdade em relação às *performances*.

A problemática que se levanta pela descrição desses fatos é que a maioria dos materiais e suportes utilizados pelos professores de literatura do ensino básico e, conseqüentemente, pelos *booktubers*, foi produzida no período em que os teóricos abordados na seção seguinte – como Candido (2012), Coutinho (1981) e Bosi (1974) – buscavam afirmar e consolidar a existência de uma literatura nacional em contraposição às literaturas e culturas europeias³. Logo, seus textos carregam um teor ora nacionalista, ora de desvalorização da cultura brasileira. Desse modo, como prática de letramento literário, os vídeos têm contribuído para corroborar a ideologia dominante no ensino de literatura: o nacionalismo. Porém, se no decorrer do século XX era necessário reafirmar a cultura brasileira por meio da literatura, talvez para as gerações de estudantes do século XXI seja necessário que a literatura sirva para desconstruir os paradigmas nacionais, sem que os alunos tenham que se filiar a eles de forma passiva.

³ Referência a materiais didáticos de modo geral. Não será estudado um material em específico, visto que o objeto desta análise são os vídeos. Os materiais que estão em circulação atualmente foram produzidos com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, já que ainda não há materiais didáticos em circulação elaborados de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio, uma vez que o documento oficial está em processo de implementação.

Dada a preocupação com tais questões, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar os vídeos que explicam, resumem e analisam obras literárias em contraste com o conteúdo das aulas de literatura do ensino médio, tal como definido em documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e apresentado por Rezende (2013) e Cosson (2011). Como objetivo específico, procura-se compreender como esses vídeos refletem o nacionalismo tão enraizado nas teorias e críticas literárias brasileiras e que ainda se faz presente nas aulas de literatura do ensino médio. Para alcançar os objetivos apresentados, utilizamos onze vídeos das obras *Iracema*, de José de Alencar, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, com número significativo de visualizações, e apresentaremos, neste artigo, os dois vídeos mais visualizados de cada obra.⁴

A seguir, descreveremos as etapas de obtenção e tratamento dos dados, além das justificativas dos recortes e das escolhas metodológicas da pesquisa. Em seguida, evidenciaremos as bases teóricas nacionalistas que fundamentam as práticas de ensino de literatura, bem como as teorias que fundamentam as análises deste artigo para, na seção seguinte, expor os dados tabulados e analisados. Por fim, apresentaremos alguns comentários gerais sobre os resultados obtidos.

2 Metodologia

Os aspectos metodológicos dessa pesquisa são de base qualitativo-interpretativista (MOITA-LOPES, 1994). Como apresenta Rampton (2006), a análise busca um “senso holístico” em relação aos dados no lugar de tentar encaixá-los em outras teorias prontas. A dificuldade do método é a necessidade de evitar o vício de se chegar a respostas previamente definidas, ou, como defende Rojo (2006, p. 258): “não se busca mais ‘aplicar’ uma teoria a um dado contexto para testá-la”. O que se pretende é um método para “identificar problemas discursivos em sala de aula que, solucionados, podem contribuir para a construção dos conhecimentos, das vozes, dos dialogismos e dos discursos” (ROJO, 2006, p. 258).

Nesse sentido, foram analisados seis vídeos sobre a obra *Iracema*, de José de Alencar, e cinco sobre *Macunaíma*, de Mário de Andrade, visando compreender a estrutura geral dos vídeos e a análise crítica que abordam. A seleção foi feita com base na quantidade de visualizações, ou seja, foram assistidos todos os onze vídeos que tinham uma quantidade

⁴ Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla, que passou pelo Comitê de Ética da Unicamp, sendo aprovado no dia 17/12/2018 (número: 00551418.6.0000.8142). De acordo com o Comitê, a pesquisa não está autorizada a divulgar os nomes dos canais.

considerável de público a fim de se certificar de que não se tratava de uma circulação apenas entre os conhecidos dos *youtubers*. Dahley (2010, p. 486), ao abordar as práticas de letramentos multimidiáticos, afirma que “formas midiáticas são geralmente voltadas para apresentação e distribuição pública. São feitas para serem vistas em contextos que vão além daqueles em que são produzidas”. Por isso, o alcance dos vídeos é um elemento importante para compreender a gravidade do conteúdo que veiculam.

Posteriormente, para compor o *corpus* especificamente apresentado neste artigo, foram selecionados os dois vídeos mais visualizados sobre cada obra, totalizando quatro vídeos analisados na seção seguinte. Esse recorte justifica-se pela percepção de que os onze vídeos seguiam um modelo de estrutura e de conteúdo semelhante, o que permitiu apresentar um número reduzido de vídeos sem alterar os resultados da análise qualitativa realizada. Já a escolha dos títulos literários foi previamente feita por fazerem parte de dois movimentos literários, Romantismo e Modernismo, cujas abordagens no ensino destacam a identidade nacional.

O tratamento dado ao *corpus* explorado a seguir foi o de transcrição e, posteriormente, de análise dos pontos e categorias em comum que poderiam subdividir os vídeos. A partir da percepção de que a maioria seguia a mesma sustentação teórica, separou-se os trechos das falas em categorias específicas para cada vídeo, como pode ser observado nas *Tabelas* da seção seguinte. Trata-se de uma divisão limítrofe, o que significa que muitos trechos poderiam fazer parte de mais de uma categoria. Por esse motivo, a análise qualitativa buscou não se engessar nas categorias criadas ou no texto transcrito, mas também lançar um olhar para o conteúdo global do vídeo, o que inclui elementos audiovisuais, como expressões faciais e entonação da voz, que muitas vezes demonstravam concordância ou discordância em relação ao conteúdo reproduzido. Ou seja, reconheceu-se que, como todas, essa prática de letramento é multimidiática (LEMKE, 2010). Assim, tem-se consciência até mesmo da artificialidade da tabulação, que pode quebrar a dinâmica do vídeo.

Por fim, acrescentou-se a categoria “Observações” para tecer comentários gerais e, ainda, para anunciar o quanto os vídeos sintetizaram de cada obra, uma vez que os momentos puramente de resumo dos acontecimentos da narrativa não constam nas tabelas abaixo, por se tratar relativamente do mesmo conteúdo entre os vídeos desse *corpus* e por narrar as ações do romance sem análise crítica. Priorizaram-se os momentos em que havia minimamente uma análise das *booktubers*.

3 Fundamentação teórica

A hipótese que sustenta o artigo e que será desenvolvida no plano teórico é a de que os vídeos aqui analisados, ao reproduzirem os moldes escolares de análise, podem apresentar as interpretações literárias dadas pelas teorias e ideologias nacionalistas como as únicas possibilidades de leitura das obras que analisam, já que são essas as teorias que baseiam os currículos e os materiais didáticos. Nesse sentido, ao veicularem uma gama de possibilidades de interpretação dos livros restrita ao elemento nacional, tal como se faz nas aulas de literatura, os vídeos parecem se enquadrar em um modelo autônomo de letramento, pressupondo “uma única direção em que o desenvolvimento do letramento pode ser traçado” (STREET, 2014, p. 44). Em outras palavras, tal prática, ainda que de modo inconsciente, parece pretender-se “neutra” – apenas pretender-se – na medida em que pressupõe haver apenas a interpretação dominante como possível. Porém, Street (2014, p. 172) alerta que “a própria ênfase de tantos autores na ‘neutralidade’ ou ‘autonomia’ do letramento é ideológica porque mascara essa dimensão de poder”. Portanto, toda prática de letramento é ideológica e qualquer tentativa de apresentá-la como neutra e autônoma em relação às atividades políticas, culturais e sociais é, em si, um jogo de poder e uma tentativa de dominação.

O primeiro ponto importante para compreender a análise do nacionalismo, ou de diferentes identificações nacionais, nos vídeos selecionados é compreender as bases teóricas que os sustentam. Candido, um dos principais responsáveis pela formação do nosso cânone nacional, escreveu, em 1957, a *Formação da Literatura Brasileira*. Candido está entre as referências base dos livros didáticos e dos manuais de literatura. Para ele, “comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime” (CANDIDO, 2012, p. 11). Segundo o autor, o Brasil é um galho secundário de Portugal, que, por sua vez, é um galho primário da grande árvore produtora de literaturas e artes: a França. Por isso, ele defende a nacionalização da literatura, principalmente a partir do Romantismo, como estratégia de emancipação cultural do Brasil, já que é só essa literatura que exprime a nossa brasilidade. Nas palavras do crítico, “homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimação penosa da cultura europeia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam” (CANDIDO, 2012, p. 12), sendo obrigação dos brasileiros darem continuidade a isso.

Coutinho, outro importante teórico da literatura nacional, se iguala a Candido na defesa do nacionalismo. Baptista (2005), por sua vez, esclarece que Candido e Coutinho possuem o mesmo posicionamento: um posicionamento modernista. Em suas palavras, a

visão dos teóricos “a vários respeito de perspectivas opostas, mas não obstante correspondem ambas à visão modernista da literatura brasileira” (BAPTISTA, 2005, p. 47), que valoriza a miscigenação como elemento que distingue o cordial povo brasileiro de todos os outros. Para Baptista (2005, p. 43), “o trabalho crítico de Antonio Candido”, com a contribuição de Coutinho e outros, prolongou “o projeto literário do Modernismo de 22”, projeto de edificação das identidades nacionais por meio da valorização de elementos culturais antes tidos como tabus e da antropofagia dos elementos estrangeiros presentes na cultura brasileira.

Coutinho (1981, p. 31), em *Conceito de Literatura Brasileira*, cita Euclides da Cunha e Gilberto Freyre para mencionar a importância de ambos em “acabar em nós o constrangimento de sermos mestiços, reconhecendo-nos ao contrário o direito a certo orgulho do que somos”. Já o crítico Bosi (1974, p. 13) afirma que a colônia brasileira deixou de ser colônia “por um lento processo de aculturação do português e do negro à terra e às raças nativas” e, posteriormente, em conformidade com o que defendiam os modernistas, por “modos de assimilação mais dinâmicos, e propriamente brasileiros, da cultura europeia, como se deu no período romântico” (BOSI, 1974, p. 15). É importante ressaltar que esses autores são referências bibliográficas marcantes nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM, 2000).

Por outro lado, Natali (2006), em contraposição à visão nacionalista desses teóricos supracitados, argumenta que o problema de se promover a identificação nacional por meio da literatura é que esse discurso coloca sobre ela o papel ordenador de conservar as estruturas sociais. Porém, tais estruturas estão repletas de exclusões e desigualdades que são mascaradas pela representação de uma sociedade cordial e tolerante com o outro, tendo em vista que somos uma sociedade formada por diferentes culturas. Natali (2006) critica, então, essa visão teórica de que, indiretamente, a sociedade brasileira teria resolvido a submissão colonial através das relações pessoais, sexuais e amorosas, de forma pacífica e construtiva, escondendo a opressão contra negros e indígenas no período colonial e escravocrata. Isso acontece, constantemente, na interpretação hegemônica das obras do Romantismo e Modernismo, presente nos materiais didáticos e, como demonstraremos, nas análises dos *booktubers*, o que repercute hoje, por exemplo, no mito da democracia racial.

Rezende (2013, p. 101), ao discorrer sobre o domínio da história nacionalista da literatura no ensino, defende que “o livro didático é o maior bastião dessa perspectiva, tendo da história uma visão muito particular, com resíduos nada desprezíveis do positivismo do século passado e do anterior acrescido de uma visada marxista”, que a autora declara estar

amparada em Candido. Ela conclui ressaltando a necessidade de valorizar, nesse *ensino de literatura*, a “*leitura literária*, uma vez que o primeiro se concentra no polo do professor, e o segundo, no polo do aluno” (REZENDE, 2013, p. 106, *grifos do autor*). Concentrar-se no polo do aluno, no que se refere à literatura, não significa abandonar o conhecimento histórico e teórico da área, mas, sim, para Petit (2013), possibilitar que ela exerça o papel de expandir o horizonte de identificação dos jovens, de modo a não se restringir a apenas um paradigma, como o nacional. Para a autora francesa, “a leitura pode ajudar as pessoas a se [re]construírem, a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas” (PETIT, 2013, p. 31). Ou seja, a leitura multiplica as possibilidades de identificação do leitor, já que a “literatura, em razão de seu jogo metafórico, lhe permite exprimir os *eus* diversos de que é feito” (ROUXEL, LANGLADE e REZENDE, 2013, p. 82).

Em outra perspectiva, Street (2014) faz objeções quanto à teoria da “grande divisão” entre letrados e iletrados, em que se postula que os iletrados têm habilidades cognitivas limitadas, menor consciência sobre as opressões políticas que recebem e, assim, seriam menos críticos. O teórico critica a suposição de que as pessoas letradas estão menos propensas a basearem suas opiniões em autoridades (STREET, 2014), como poderia sugerir algumas das citações anteriores, pois as práticas de leituras literárias estão socialmente inseridas em relações de poder – já que são ideológicas e não autônomas – e, assim, podem ser exploradas para manter estruturas sociais ou questioná-las, a depender das forças políticas exercidas sobre elas. O letramento, portanto, não é uma solução mágica em si, já que pode ser explorado para “inserir profundamente os alunos na ideologia e no controle da classe social do professor e impedi-los deliberadamente de alcançar uma avaliação desapegada e crítica de sua situação real” (STREET, 2014, p. 94).

4 Análise

Ao pesquisar variados vídeos de *booktubers*, antes mesmo da seleção deste *corpus*, constatamos uma diversidade quanto ao resumo das obras literárias. Há vídeos que resumem cada detalhe, capítulo por capítulo. Por outro lado, os vídeos mais visualizados são os que contam apenas aspectos gerais, possivelmente para instigar a leitura.

No geral, as análises literárias feitas pelos *booktubers* seguem o modelo escolar ao valorizarem os seguintes aspectos da obra: a linguagem, o contexto histórico e as informações sobre o autor e a escola literária a que “autor e obra pertencem”. Uma parcela significativa dos canais se dedica a falar de literaturas de outros países que não a do Brasil, demonstrando

não estar presa à questão nacional ou ao cânone escolar. Vale dizer que esses canais são exclusivos para abordar as leituras realizadas pelos *youtubers* e é interessante notar que a estrutura dos vídeos, quando não se trata de uma obra escolar, é mais livre e desapegada do modelo de análise preestabelecido. Entretanto, os vídeos mais assistidos são sobre obras das listas de livros de vestibulares, indiciando o interesse maior dos seguidores pelo vestibular.

4.1 *Iracema* e o Romantismo

O primeiro vídeo a ser analisado tem 14 minutos e 26 segundos de duração, foi publicado no dia 20 de maio de 2016 e contabilizava 93.081 visualizações até a data de 26 de maio de 2018. O vídeo faz uma associação direta com a lista de livros de leitura obrigatória do vestibular da Fuvest. Desse modo, a *booktuber* busca justificar a importância do conteúdo que veicula e ganhar mais visualizações e seguidores. O canal que o publicou possuía, na mesma data, um total de 28.584.193 visualizações. Segue a transcrição do vídeo:

Quadro 1 - Transcrição recortada do primeiro vídeo sobre *Iracema*

Categoria	Transcrição
Objetivos e justificativas do vídeo	“não se trata de uma videoaula, o intuito desse vídeo é simplesmente a gente conversar sobre esses livros das listas da Fuvest e da Unicamp, tanto com você aí que já leu esse livro, como caso você não tenha lido não se preocupe, eu não vou contar o fim da história [...] eu não vou fazer o resumo do livro aqui nesses vídeos, não, senhor. Então você aí que está procurando o resumo do livro, tchau, desculpa, pode passar para o próximo vídeo da sua listinha [tom irônico]. O que eu gostaria é que você, a partir desse vídeo, ficasse com vontade de ler esse livro, ou caso você já tenha lido o livro, que a gente possa esclarecer alguns pontos aí...”
Edição da obra	“eu tenho duas edições de <i>Iracema</i> , eu tenho essa daqui da Panda Books, e essa daqui da Ateliê, né? Da editora Atêlie. E são dois livros bem diferentes, eu vou indicar esses dois para tipos de leitores diferentes [...] da Panda Books é um livro todo interativozinho, cheio de ilustrações, aliás, acho que não tem nenhuma página sem ilustração. [...] Vai chamar atenção de quem precisa realmente dessas imagens, né, os alunos que são visuais principalmente e também você aí que tem aquela certa preguiçinha de procurar palavras no dicionário, aquela coisa toda, tá tudo aqui de uma forma bem atrativa, tá?”; [da Ateliê] “é uma edição de bolso, que vai trazer o texto seco, não tem nenhuma daquelas firulas, tem uma ou outra ilustração [...] mas o grande diferencial destes livros desta editora são os textos de apoio, são quase cem páginas de explicação sobre o texto...”
Importância do livro	“ele tem sua importância [...] na lenda do Ceará”.
Contexto histórico	“a gente está falando de literatura do século XIX, então o registro, né, o vocabulário que era utilizado naquela época [...] as pessoas eram puristas, não queriam modificar a língua mãe, que era não o Tupi-Guarani, mas o português de Portugal, então eles consideram heresias os neologismos [...] o pobre do José de Alencar já era incompreendido em sua própria época”; “Claro que a <i>Iracema</i> vai ser toda idealizada, o Martim também e você aí

	que estudou o período de colonização do Brasil, você sabe que de romântico não tem nada, mas você tem ali um autor cristão contando essa lenda”; “Você aí que precisou ler qualquer livro de José de Alencar, principalmente da fase indianista, você deve lembrar que os textos dele são bem complicadinhos”;
Intenção do autor	“ele vai explicar porque ele optou por usar esse vocabulário, porque que ele optou por criar essa fábula”; “quando ele diz aqui que a palavra do verdadeiro Deus foi germinada e aí você tem a criação do Ceará, aquela coisa toda, ele está meio que dizendo que Tupã é um deus falso, né. Mas ao mesmo tempo que ele enaltece os portugueses que estão chegando com sua cultura, sua religião, com o Deus verdadeiro, ele também vai mistificar o índio brasileiro”; “o autor optou também por demonstrar ao longo de toda a narrativa, a natureza do nosso país”; “o que o José de Alencar vai fazer neste livro aqui é incrementar o texto com vocabulário indígena”.
Avaliação pessoal	“e aí tem uma coisa também que é pra você pensar, você gosta tanto aí de Game of Thrones, Senhor dos Anéis, Harry Potter [...], por que não ler com boa vontade uma lenda brasileira?”
Descrição estrutural da obra	“José de Alencar primeiro escreveu essa história como um poema épico, só que durante a produção desse poema ele foi percebendo que não estava dando muito certo”.
Observações	A última fala geral antes de iniciar o resumo da história é a que está transcrita em “Objetivos e justificativas do vídeo”. A obra é resumida capítulo por capítulo, ocultando apenas algum elemento que ela diz ser para instigar a curiosidade dos seguidores, e repete “você vai precisar ler o livro”.

Fonte: Elaboração própria

A análise desse vídeo demonstra inicialmente uma preocupação da *youtuber* em não se limitar ao resumo da obra. Porém, ela o faz em alguns momentos, escondendo apenas detalhes que, segundo sua própria fala, é para instigar a curiosidade de seu seguidor. Ela chega, por exemplo, a contar elementos do final da história (*spoiler!*), ainda que anuncie que não faria isso. É importante ressaltar que há um olhar especializado para a edição, pois há o cuidado de recomendar uma edição diferente para cada tipo de leitor. Esse comentário nos leva a concluir que, por trás da preocupação pedagógica há uma publicitária, isto é, a *youtuber* faz (propositalmente ou não) propaganda das editoras dos livros que apresenta.

Já com relação ao nacionalismo, no vídeo, a *booktuber* faz um comentário crítico apoiando-se na história quando diz: “você aí que estudou o período de colonização do Brasil, você sabe que de romântico não tem nada” – o que é significativo para a desconstrução do discurso nacional pacificador. Entretanto, esse comentário não é desenvolvido e aprofundado de modo a denunciar a violência e a opressão que índios e negros sofreram no Brasil na época da colonização. Mais ainda, ao longo do vídeo, a crítica parece “neutralizada” por sua avaliação pessoal, que defende a necessidade de se ler “com boa vontade” lendas como essa do Brasil, ainda que sejam idealizadas, como fazemos com *Game of Thrones* e *Harry Potter*. Ao contrapor essa boa vontade à leitura de lendas estrangeiras, a *booktuber* parece defender a obrigatoriedade de uma identificação com o nacional, ou seja, ela advoga pela necessidade de

ler, gostar e se interessar pelos produtos culturais da nação que são voltados para edificação mítica de nossa pátria. Contudo, há uma ausência significativa de uma avaliação crítica aos elementos nacionalistas contidos na obra, bem como ao período da colonização, quando a violência e a opressão dizimaram povos indígenas.

O segundo vídeo mais visualizado sobre *Iracema*, cuja transcrição segue abaixo, tem duração de 11 minutos e 25 segundos e um total de 81.429 visualizações no dia 26 de maio de 2018, tendo sido publicado no dia 06 de maio de 2016, duas semanas antes do anterior. O canal responsável pelo vídeo possuía 7.174.430 visualizações:

Quadro 2 - Transcrição recortada segundo vídeo sobre *Iracema*.

Categoria	Transcrição
Objetivos e justificativas do vídeo	“muita gente que me assiste, que ainda está no colégio ou no cursinho me pediu pra fazer a resenha desse livro”; “por amor a vocês eu decidi ler de novo o terror da minha adolescência”.
Edição da obra	“caiu essa edição nas minhas mãos” [mostra a edição]; “eu jamais acreditaria se alguém me dissesse que esse livro era fácil ou divertido de ler, antes de conhecer essa edição que eu já comentei, é realmente incrível. Eles tem ilustrações em praticamente todas, mas todas as páginas, ilustrações pequenas e ilustrações grandes que literalmente, sabe quando a gente não está entendendo nada da história, literalmente as ilustrações desenham pra gente entender quem está na cena, qual é o sentimento geral da cena, ilustrações lindas feitas por vários artistas diferentes, esse é um ponto, o outro ponto é que o livro também tem notas explicativas que traduzem palavras difíceis, praticamente traduzem parágrafos inteiros quando o José de Alencar capricha, escreve um parágrafo praticamente incompreensível, existem notas de explicação que traduzem o parágrafo pra gente. Eu jamais teria conseguido gostar se não fosse a edição cuidadosa que eles tiveram”.
Importância do livro	“Iracema voltou à lista dos livros da Fuvest”; “contar uma lenda, a lenda de formação do Ceará, que é a terra de José de Alencar”; “criar uma lenda idealizada sobre a colonização portuguesa e a miscigenação entre índios e brancos que deu origem ao povo brasileiro”.
Contexto histórico, autor e escola literária	“Essas imagens [dos índios brasileiros] provavelmente vieram da literatura romântica indianista que fez muito sucesso no Brasil nos séculos XIX e XX e tem como maior representante o escritor que também é o maior representante do romantismo, o José de Alencar. E eu já falei bastante aqui do José de Alencar, falei que além de ter sido um importante escritor, ele foi um político muito influente, muito respeitado durante o segundo império, ou seja, durante o império de Dom Pedro Segundo, ou seja, segunda metade do século XIX. Para o José de Alencar a literatura e política eram duas faces da mesma moeda porque ele tinha muito talento para a literatura, ele era um grande escritor, ele publicou vários livros de sucesso”; “ele fez livros que se passavam na cidade, mais especificamente na capital do Império, a corte, o Rio de Janeiro. Ele fez livros, ao contrário, que se passavam nas províncias, distante da capital, por exemplo, no extremo sul, ou então interior de São Paulo, ou então o sertão nordestino, e ele fez também, livros sobre os brasileiros originais, os povos que estavam aqui antes da chegada dos portugueses, os índios. É a tal da fase indianista do romantismo brasileiro, que você deve ouvir falar na escola, <i>Iracema</i> é um dos livros mais conhecidos dessa fase”; “Martin

	<p>Soares Moreno. Esse cara, esse tal de Martin, ele inclusive existiu de verdade. Ele foi um militar português, que defendeu a colonização portuguesa contra as invasões dos holandeses, dos franceses, que ficavam atacando a costa do nordeste brasileiro. Ele é considerado um herói nacional, inclusive existem estátuas em homenagem a ele lá no Ceará”.</p>
<p>Intenção do autor</p>	<p>“O Alencar aproveitava esse talento literário para colocar em prática o projeto político dele para o Brasil. Ele queria como político e escritor criar uma identidade própria para os brasileiros, criar uma cultura nacional. Ele queria libertar os brasileiros de uma vez por todas daquela ideia de que nós somos colônia de Portugal, com a mesma cultura de Portugal, não, ele queria criar e colocar na cabeça do brasileiro que a gente tinha uma cultura genuinamente brasileira. Então quando a gente analisa as obras publicadas pelo José de Alencar é muito nítido que ele tentou explorar a cultura brasileira”; “ele não estava nem um pouco preocupado em contar a formação verdadeira do Ceará, ele queria inventar uma lenda, para que os cearenses e todos os brasileiros sentissem orgulho da nossa história”.</p>
<p>Avaliação pessoal</p>	<p>“Lá na resenha número dois do livro Til eu fiquei ironizando muito a chatice dos livros do José de Alencar, eu estava me referindo especificamente à chatice do livro Iracema”; “foi de longe o livro mais chato, o livro que eu mais odiei em toda minha vida”; “eu li rápido porque eu me diverti” [comentando a edição e atribuindo a ela, e não à história ou ao José de Alencar, os adjetivos positivos em relação à obra]; “eu consegui enxergar um monte coisas que eu não conseguia antes. Sabe aquelas imagens folclóricas que a gente tem dos índios brasileiros assim na nossa imaginação [...] relendo Iracema eu me dei conta de onde provavelmente vieram essas imagens idealizadas, estereotipadas, esses clichês folclóricos que a gente associa aos índios brasileiros, essas imagens provavelmente vieram da literatura romântica indianista”; “todo povo tem e precisa ter heróis nacionais. O Alencar sabia disso, e por meio da literatura indianista ele criou heróis pra gente sentir orgulho de ser brasileiro”; “eu consegui ultrapassar a barreira da linguagem que é tão complicada e realmente entrar na história, eu consegui me enxergar dentro da floresta, eu consegui ouvir os passarinhos cantando, e essa foi uma experiência muito bonita, em alguns momentos até emocionante, virei tão fã de Iracema que pra provar eu vou encerrar esse livro de um jeito diferente, uma transformação [veste-se de índia]. Ah! Aqui está! O meu cosplay de Iracema e eu espero que com esse visual eu ajude a lhe inspirar do mesmo jeito que esse livro me inspirou”.</p>
<p>Descrição estrutural da obra</p>	<p>“Originalmente ele pensou em falar da história de amor de Iracema e Martim com um grande poema, um poema épico. Antigamente era muito usado poesia para falar de atos heroicos, você deve se lembrar da Ilíada, da Odisseia, mais recentemente dos Lusíadas de Camões. Só que aí aqueles termos indígenas, toda aquela mania dos personagens de falar de si mesmo em terceira pessoa ‘Iracema gosta de Martim’, ‘Martim gosta de Iracema’, ele achou que ia acabar complicando demais as vidas dos leitores [...], ao invés de escrever poesia, ele resolveu escrever prosa. Mas a gente sabe que não deu certo né?”; “Muitos professores de literatura falam que esse livro é uma ficção lírica, porque ele mantém muito das figuras de linguagem que são típicas da poesia”.</p>
<p>Observações</p>	<p>Publicidade para um canal do Youtube com conteúdo para o vestibular: “conheci recentemente e me deixou de boca aberta, ele chama [nome do canal], se você não conhece ainda, corra para conhecer, eu vou deixar o link aqui nesse vídeo, é muito legal. Ele tem uma proposta que é genial, ele não fica dividindo os assuntos nas disciplinas chatas da escola: História, Geografia, Português. Ele fala de Humanas, de Humanidades...”; publicidade para a edição do livro, que é da editora Pandabooks, aparece na tela o logo da “Amazon” escrito “compre pela Amazon e ajude o</p>

	canal!” e a <i>youtuber</i> diz: “vou deixar aqui embaixo como sempre o link do livro se você quiser comprar e ajudar o canal”. A história é resumida apenas de forma bastante geral, a <i>youtuber</i> não entra nos detalhes específicos.
--	---

Fonte: Elaboração própria

A análise feita por essa *youtuber* é bastante negativa em relação ao livro e a José de Alencar. Ela caracteriza o livro e o autor como “chatos”, “terror” da sua adolescência e outros adjetivos que demonstram um olhar menos especializado em relação às teorias literárias do que o primeiro vídeo. Por outro lado, seu balanço final em relação à leitura do livro é positivo, e ela atribui tudo isso à edição específica que tem em mãos, por ter tantas imagens, glossários etc., concluindo que a edição fez com que ela entrasse na história e se sentisse no ambiente em que se passava, incluindo elementos sinestésicos ao momento de leitura da obra. O motivo de tantos elogios à edição fica claro ao final, quando ela própria declara que está disponibilizando o *link* para a compra do livro e que isso vai “ajudar o canal”. Se no vídeo anterior houve dúvidas quanto à possibilidade da inserção do mercado, por meio da publicidade, no conteúdo dos vídeos, neste segundo exemplo tal relação fica explícita, tratando-se, inclusive, exatamente da mesma editora. Vale ressaltar que além da propaganda à edição, a *youtuber* apresenta publicidade para outro canal de conteúdo para os vestibulares, colocando na tela, enquanto fala, a imagem da página do canal, e tecendo apenas elogios ao seu material. Aparentemente, há uma lógica mercadológica no funcionamento desses vídeos aliada à lógica educacional, de modo semelhante – permita-nos a analogia – ao que ocorre na privatização do ensino nas relações que envolvem o vestibular.

O vídeo também critica a origem dos elementos nacionalizantes brasileiros. A *youtuber* declara que “relendo Iracema eu me dei conta de onde provavelmente vieram essas imagens idealizadas, estereotipadas, esses clichês folclóricos que a gente associa aos índios brasileiros, essas imagens provavelmente vieram da literatura romântica indianista”. A partir desse ponto, esperava-se que ela desconstruísse o argumento nacionalista, ou seja, que ela apresentasse uma discordância em relação a ele. Porém, o vídeo inverte seu foco e declara que todo povo precisa ter seus heróis, então, com essa idealização do índio, Alencar estaria criando o herói brasileiro, com o que ela concorda. Tanto concorda que, ao final, a *youtuber* fantasia-se de índia, de Iracema, para influenciar os seguidores a ter as mesmas inspirações que ela na leitura do livro. Esse fechamento em *cosplay* é significativo da ausência de avaliação crítica dos elementos nacionalistas com origem na colonização e, também, da omissão da violência e opressão colonial.

4.2 *Macunaíma* e o Modernismo

O vídeo seguinte, o mais visualizado sobre *Macunaíma*, tinha 56.922 visualizações, no dia 26 de maio de 2018 e foi publicado no dia 14 de junho de 2015, com duração de 8 minutos e 26 segundos. O canal já contava com um total de 4.228.219 visualizações:

Quadro 3 - transcrição recortada do primeiro vídeo sobre *Macunaíma*

Categoria	Transcrição
Importância do livro	“você tem algumas questões brasileiras, aí, nacionais, apresentadas pra nós leitores, então é muito interessante, eu indico bastante.”
Contexto histórico, autor e escola literária	“hoje eu vim aqui conversar com vocês sobre <i>Macunaíma</i> , que foi escrito pelo Mário de Andrade, publicado em 1928. Mário de Andrade foi um escritor modernista do Brasil, então o livro, ele está inserido na Semana de Arte Moderna de 22, ele foi publicado em 28, e nele há toda uma intenção de construir a imagem do Brasil. Então como pertencente à primeira fase do modernismo brasileiro, o livro é, ele tem um caráter nacional, só que esse caráter nacional é diferente do caráter nacional abordado pelo romantismo, pelo José de Alencar, por exemplo. Ele é um caráter nacional, mas de origem crítica, bem crítica. Então esse livro, ele vai retomar muitos aspectos através de ironias, com uma abordagem cômica e, enfim, expondo para a gente um personagem que ele não é herói, ele é anti-herói, ele é o herói sem caráter. E esse personagem, ele representa o povo brasileiro. O que é muito interessante você perceber, porque enquanto o projeto do romantismo seria idealizar os seus personagens, principalmente o protagonista, aqui no modernismo, aqui em <i>Macunaíma</i> , você tem todo um narrador mostrando um lado totalmente negativo de um herói. Então nós temos um anti-herói aí, que seria realmente o <i>Macunaíma</i> , que é o nosso personagem título”; “não há aquela verossimilhança do realismo que a gente está acostumado a encontrar em livros”.
Intenção do autor	“Vai ter uma crítica para aquela sociedade que falava uma língua e escrevia outra. Porque a gente percebe que enquanto o <i>Macunaíma</i> , ele é todo assim desengonçado no jeito de falar, há toda uma coloquialidade e não só nele, mas em todo o povo brasileiro, porque ele representa o povo brasileiro. Enquanto na escrita, na burocracia, na administração, enfim, no aspecto culto, acadêmico, né, da época, você tem toda uma escrita rebuscada, empolada, difícil, e totalmente diferente daquela falada pelos brasileiros”; “é um projeto nacional, apesar de apresentar muitas críticas”; “era uma intenção do autor causar esse certo estremeamento, esse certo impacto no leitor, porque nós estamos acostumados aos estrangeirismos, nós não estamos acostumados a nossa própria cultura, né?”
Avaliação pessoal	“é muito interessante, é um livro cômico, então a gente acaba dando muitas risadas do que é narrado para a gente. Só que ele tem seus empecilhos sim, né, o projeto dele era uma coisa mais moderna, então o vocabulário dele é coloquial, que poderia aproximar o leitor da narrativa, o que não acontece, porque você tem muitas palavras aí de origem indígena, que a gente desconhece, a gente fica um pouco confuso, perdido ali no meio da narrativa que é contada para a gente. E, também, você tem a exposição de muitas lendas e mitos folclóricos, enfim, indígenas. Você tem esse aspecto muito bacana do livro que é apresentar pra gente lendas já conhecidas e outras que a gente desconhece, que o Mário de Andrade, o autor, vai expor pra gente ali na história contada”; “eu gostei bastante, é uma experiência bastante diferente, porque nós não estamos acostumados

	a ler muitas obras brasileiras, muito menos modernismo”; “ele não é difícil, ele é até interessante, eu diria. Eu gostei dele, não foi uma paixão, né, não, não foi. Mas eu gostei bastante, foi muito interessante ter contato com essa obra que é uma das principais do nosso modernismo. Então eu indico para todo mundo. É uma experiência muito válida”; “Como se a cultura indígena fosse muito mais exterior do que a própria cultura europeia, ou americana, norte americana. Então é muito interessante o livro, sim, você estudar o livro é muito bacana e te faz pensar em algumas coisas que, né, incomodam, realmente incomodam”.
Observações	Não resume totalmente a obra, aborda partes que são significativas para os comentários que faz.

Fonte: Elaboração própria

É importante salientar que *Macunaíma* não está nas listas recentes de livros para o vestibular, apesar de fazer parte do cânone escolar da literatura nacional. Por isso, os títulos dos vídeos sobre essa obra não trazem o nome do vestibular associado, o que costuma funcionar como uma publicidade para sua visualização, tal como no vídeo anterior. A ausência da “marca vestibular” pode justificar o motivo pelo qual esses vídeos têm uma quantidade de visualizações abaixo dos vídeos sobre *Iracema*.

Além disso, a organização didática da literatura no ensino escolar se estrutura em ordem cronológica, isto é, primeiro se ensina Romantismo e, depois de passar por outras escolas literárias (Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo e Pré-Modernismo), é que se chega ao Modernismo. Os vídeos parecem seguir essa mesma lógica, pois nenhum dos que falaram de *Iracema* mencionou o Modernismo como antecipação, enquanto que quase todos os vídeos sobre *Macunaíma* incluem comentários comparando a obra à *Iracema*, como este, por exemplo: “só que esse caráter nacional é diferente do caráter nacional abordado pelo Romantismo, pelo José de Alencar”. Ou seja, aparentemente, como consequência da engessada didática escolar, os *booktubers* esperam que, ao assistirem a um vídeo sobre um livro modernista, como *Macunaíma*, os seguidores já tenham estudado o Romantismo; contudo, não esperam que o contrário aconteça, ou seja, obedecem à mesma ordem cronológica e estrutural da história literária ensinada na escola e prevista nos currículos nacionais.

Nessa comparação do Romantismo com o Modernismo, é comum que os *youtubers* classifiquem o caráter nacional do primeiro movimento como sendo ingênuo, ao passo que o do segundo é visto como crítico, assim como consideram os teóricos do século XX já citados aqui: Candido (1957), Coutinho (1981) e Bosi (1974). Nesse vídeo em específico, afirma-se que a obra “é um caráter nacional, mas de origem crítica, bem crítica”. O próprio uso da conjunção adversativa “mas”, ao introduzir a questão crítica após anunciar que é de caráter

nacional, sugere que discurso crítico moderno talvez seja uma exceção dentre os discursos nacionalistas.

Ao dizer que a personagem Macunaíma representa o povo brasileiro, a *booktuber* parece concordar com isso, explicando que, assim como o anti-herói, o povo brasileiro utiliza uma linguagem para a fala e outra para a escrita, por exemplo. Ela continua dizendo que “nós estamos acostumados aos estrangeirismos, nós não estamos acostumados a nossa própria cultura”. A definição de cultura como única, acompanhada do possessivo “nossa”, também é discutível em relação ao nacional, mas essa discussão não será estendida aqui. Em outro momento, a *booktuber* demonstra estar incomodada em relação à falta de nacionalismo dos brasileiros, até mesmo pela repetição e pelo tom de voz enfático no trecho em que elogia o livro dizendo que ele “te faz pensar em algumas coisas que, né, incomodam, realmente incomodam”. Pouco antes, justifica o estranhamento que o livro causa dizendo que é “porque nós não estamos acostumados a ler muitas obras brasileiras, muito menos modernismo”. O comentário é interessante se levarmos em conta que o conteúdo curricular de literatura do ensino médio e, conseqüentemente, os livros que constam na lista dos vestibulares nacionais são, praticamente, todos restritos a obras brasileiras e portuguesas, então quem seria esse “nós” que não lê literatura brasileira, muito menos modernista? Tal lapso soa bastante significativo porque insinua que há uma ausência de leitura das obras escolares.

O último vídeo a ser analisado é o segundo sobre *Macunaíma* no *hanking* de visualizações, com um total de 31.544 até o dia 26 de maio de 2018. Além de ser o vídeo com menor visualização dentre os abordados aqui, ele também é o de menor extensão, com apenas 6 minutos e 32 segundos. A data de publicação é dia 27 de junho de 2015:

Quadro 4 - Transcrição do segundo vídeo sobre *Macunaíma*.

Categoria	Transcrição
Contexto histórico, autor e escola literária	“O livro Macunaíma foi escrito por Mário de Andrade e publicado na cidade de São Paulo em 1928”; “e essa construção do Macunaíma, ela é especialmente chocante quando a gente lembra de outros índios retratados na literatura brasileira. Principalmente no período do romantismo, com autores como José de Alencar. Se a gente lembrar do Peri, do livro O Guarani, ele era uma figura totalmente idealizada, né, quase um cavaleiro medieval, com toda sua bravura e nobreza. Toda essa subversão, essa rebeldia narrativa e formal, ela é explicada em grande parte pelo período em que Macunaíma foi escrito. O Mário de Andrade, ele é um escritor modernista, ele participou ativamente da Semana de Arte Moderna de 22. E o Macunaíma, ele é publicado na primeira fase do modernismo, que é justamente a fase mais radical, que é chamada de fase heroica. Naquele momento, a principal intenção dos artistas era justamente a de romper com as estruturas do passado, com o que estava fazendo de arte no Brasil anterior. E além do caráter destruidor, eles também acreditavam ter uma

	espécie de missão, eles queriam retratar o povo brasileiro, refletir sobre a sua identidade. Então nesse sentido o Macunaíma passa a representar toda a nação”
Intenção do autor	“ele [Mário de Andrade] tenta aproximar a escrita da língua falada, então no meio do texto a gente encontra “milhor” ao invés de melhor, “sinão” ao invés de senão. Ele também utiliza muitas gírias, muitas expressões dos quatro cantos do país, inclusive indígenas, isso quando não recorre à neologismos”; “o subtítulo desse livro é ‘o herói sem nenhum caráter’, o que é diferente de ser um herói sem caráter. O Macunaíma, ele não possui nenhum caráter, seja bom ou seja mal, ele é como se fosse uma tela em branco. Então, por paralelo, eu acredito que o Mário de Andrade achava isso sobre o Brasil, que é uma nação ainda jovem, que não possui o respaldo aí de séculos de tradições e não teve tempo de firmar os seus valores, sejam eles morais ou, até mesmo, culturais”.
Avaliação pessoal	“No primeiro momento, a leitura desse livro é bastante assustadora. O Macunaíma tem características que o torna um livro muito diferente”; “eu tive então, no primeiro momento, essa estranheza com o livro, mas logo depois eu me acostumei, eu peguei o ritmo da narrativa. E eu fiquei muito surpresa o quanto eu gostei desse livro, o mais bacana é que o Mário de Andrade utiliza como matéria prima para a história, várias lendas, vários causos populares do interior do país”; “então ele é um livro que realmente tem um caráter mais experimental, mas ao mesmo tempo ele tem uma narrativa muito envolvente, é muito divertido acompanhar as aventuras do Macunaíma”
Descrição estrutural da obra	“A construção do tempo e do espaço não seguem uma linearidade de uma narrativa tradicional [...] ele percorre distâncias que são muito próprias das narrativas fantásticas”; “a verossimilhança da história, ela é surrealista”; “o subtítulo desse livro é ‘o herói sem nenhum caráter’”; “Ele [Mário de Andrade] mesmo classificava a obra como uma antologia do folclore brasileiro, uma espécie de rapsódia”
Observações	Enquanto fala, apresenta cenas do filme <i>Macunaíma</i> de Joaquim Pedro de Andrade. Não resume o livro, apenas menciona alguns poucos trechos.

Fonte: Elaboração própria

O ponto central desse vídeo é a defesa do projeto modernista na representação do indígena, caracterizado enquanto “subversão, essa rebeldia narrativa e formal”, “radical”; e as críticas ao projeto romântico, caracterizado como idealizado e, conseqüentemente, ingênuo. A análise a partir desses pressupostos segue o posicionamento dos teóricos do século XX já aqui mencionados, por exemplo, quando defendem que o projeto modernista serviu para transformar os tabus da sociedade brasileira em totem, motivo de orgulho.⁵ Porém, a contradição em relação a esse ponto no vídeo é o fato de a *youtuber* acreditar que Mário de Andrade buscou representar o Brasil – e demonstra concordar com essa representação – como uma nação jovem “que não possui o respaldo aí de séculos de tradições e não teve tempo de firmar os seus valores, sejam eles morais ou, até mesmo, culturais”. Ou seja, ela considera o elemento indígena como representativo de todo o povo brasileiro, mas desconsidera sua

⁵ A expressão “transformar tabu em totem” refere-se ao mote modernista recorrente na *Revista de Antropofagia* (1928-1929) que invoca a necessidade de se apropriar do que antes era um tabu negativo na sociedade – por exemplo, a presença de povos primitivos como os indígenas – de forma positiva, elemento nacional, ou seja, como um troféu, presente, ou como preferiram os modernistas: totem. (NODARI, 2015)

tradição secular para firmar valores morais e culturais. Para ela, portanto, a história do Brasil se inicia com a chegada dos portugueses, com a colonização, escravidão e, na verdade, o índio pouco representa essa nação. Aqui está a contradição do discurso nacionalista desses vídeos: busca elevar o caráter nacional que é, simultaneamente, submisso ao colonizador, e ao processo de colonização, na medida em que o apresenta como pacífico.

5 Conclusão

A presente pesquisa demonstrou, em concordância com Lemke (2010, p. 472), que a multimídia possibilita-nos ser “agentes livres que podem encontrar mais sobre um assunto que os autores sintetizaram, ou encontrar interpretações alternativas que eles não mencionaram”. Isso não significa dizer que um conteúdo é revolucionário ou transgressor apenas por ter sido produzido na *web* de maneira independente, já que foi perceptível aqui que parte dos vídeos dos *booktubers* nada mais são que uma “transposição do modelo de educação do livro texto para uma nova mídia de demonstração” (LEMKE, 2010, p. 471). Desse modo, conclui-se que a prática desses *youtubers* enquanto prática de letramento literário muito se aproxima do ensino tradicional de literatura quando abordam livros do cânone nacional escolar, uma vez que revozeam os materiais didáticos reproduzindo o nacionalismo neles vigente.

Por essas razões, tentou-se demonstrar a importância de questionar a *performance* discursiva dessas práticas, já que toda prática letrada é ideológica (STREET, 2014), mas nem todo letramento é inclusivo. Assim, ressalta-se a contradição do ensino de literatura e, como reflexo, dos quatro vídeos aqui analisados, em abordar excessivamente: contextualização histórica, inserção do autor e da obra em uma escola literária, destaque para intenções e características do autor, apontamentos para uma única interpretação e caminho de leitura, sem situar discursivamente esse modo nacionalista de operar as análises literárias, o que remonta às teorias literárias do século XX e se constitui como uma tentativa de edificação da pátria. Ao fazer isso, tais práticas letradas caracterizam o nacionalismo como atemporal e estático, contribuindo para uma visão autônoma de letramento literário e negando a possibilidade de um letramento literário ideológico e situado discursivamente. Nas palavras de Street (2014, p. 141), “os tipos de identidade coletiva a que aderimos e o tipo de nação a que queremos pertencer ficam encapsulados em discursos aparentemente desinteressados sobre a função, o propósito e a necessidade educacional desse tipo de letramento” pedagogizado, que esconde relações de poder, discursos e ideologias nacionais dominantes – completamos.

Muitos dos vídeos a que assistimos não resumem totalmente a obra na tentativa de instigar a leitura. Esses vídeos são os mais populares, o que pode sugerir que não é a substituição da leitura que os estudantes têm buscado no YouTube. Apesar disso, as análises dos *booktubers* constroem um caminho de interpretação prévio limitante ao paradigma nacional, fechado para a possibilidade de identificação do leitor, enquanto a literatura permite incontáveis identificações inesperadas (PETIT, 2013; ROUXEL, LANGLADE & REZENDE, 2013). Tais vídeos colaboram, portanto, para uma leitura engessada, já exercida na escola, de uma interpretação nacionalista, cerceando o leitor a outras identificações e interpretações possíveis da obra, como defendem os autores franceses acima citados.

Por fim, aqui não se pretendeu defender que os *youtubers* têm um discurso padronizado e repetitivo. Um olhar descompromissado pelos canais demonstra a pluralidade que os caracteriza. No entanto, aprender literatura por meio dos *booktubers* pode não ser tão eficiente, já que os vídeos analisados, que são uma amostra de vídeos sobre obras literárias canônicas, *encenam, acenam e ensinam* uma literatura nacionalista e tradicional.

Referências

- BAPTISTA, A. B. **O Livro Agreste**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio**. Parte II – Linguagem, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais+: Ensino Médio – Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Brasília: MEC, 2000.
- CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos 1750-1880**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.
- COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- COUTINHO, A. **Conceito de Literatura Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- DAHLEY, E. Expandindo o conceito de letramento. **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, v. 1, 4, n. 2, p. 481-491, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132010000200010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 25 maio 2018.
- LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Revista Trabalho em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49 n. 2, p. 455-479, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645275>. Acesso em: 25 mai. 2018.

MOITA-LOPES, L. P da. Pesquisa interpretativistas em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **Revista DELTA**, São Paulo, v. 10, n. 2. p. 329-338, 1994.

NATALI, M. Além da Literatura. **Revista Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 9, p. 30-43, 2006.

NODARI, A. “A transformação do Tabu em totem”: notas sobre (um)a fórmula antropofágica. **Revista Das Questões**, Brasília, n. 2, p. 08-44, 2015.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. (Orgs.). **Escola e Leitura**: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 61-81.

PETIT, M. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em Linguística Aplicada. *In*: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 109-128.

REZENDE, N. L de. O Ensino de literatura e a leitura literária. *In*: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de.; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 99-112.

ROJO, R. H. R. Fazer Linguística Aplicada em Perspectiva Sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. *In*: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 253-275.

ROUXEL, A.; LANGLADE, G. REZENDE, N. L. de. **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. Tradução : Amaury C. Moraes et al. São Paulo: Alameda, 2013.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

SILVA, F. V da. Queimando livros de *youtubers*! Guerrilhas discursivas em torno da leitura. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá, n. 193, p. 70-77, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/34004/19458>. Acesso em: 26 mai. 2018.

Data de recebimento: 11 de maio de 2019.

Data de aceite: 30 de julho de 2019.